

4. Os valores militares

Durkheim via a sociedade como expressão da solidariedade praticada entre os indivíduos. Para ele a consciência coletiva seria a responsável pela formação dos valores morais que passam a exercer pressão sobre os homens nos momentos de suas escolhas. Essa consciência coletiva diria respeito aos valores do grupo a que o indivíduo pertence, sendo transmitida entre as gerações pela educação e conformando-se em fator fundamental para a vida social. A consciência coletiva pode, portanto, ser variável e determinante da intensidade da coesão do grupo. Para o grupo formado por militares, encarando-os como sendo uma sociedade em particular, existe uma consciência coletiva e certos valores, ditos militares, são compartilhados. Nesse grupo espera-se sempre uma padronização dos comportamentos de cada indivíduo segundo o significado atribuído a cada valor militar.

Na pesquisa bibliográfica realizada nas leis, manuais e regulamentos militares foram encontradas diversas definições de quais seriam os valores militares. Muitas vezes o termo “valores militares” ou simplesmente “valores” são utilizados para expressar a identidade, a base de formação do caráter de um militar ou o “espírito militar”, mas na maioria das vezes não se acha a lista destes valores, ficando solta no ar a definição. A seguir serão apresentadas as definições que foram encontradas durante a pesquisa bibliográfica.

Primeiramente vamos verificar o que prevê o Estatuto dos Militares que é o código de ética da profissão militar, Lei Nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980, da Presidência da República. A lista é a seguinte: Patriotismo, civismo, fé na missão do Exército, amor à profissão, espírito de corpo e aprimoramento técnico-profissional. O estatuto, por ser uma lei federal, é portanto também válido para a Marinha e para a Força Aérea. Antes deste estatuto de 1980 outros foram sancionados em forma de lei federal. O primeiro e o segundo estatutos, os de 1941 e 1946, não falavam de valores militares, porém indicavam, indiretamente, como sendo deveres militares, praticar as virtudes militares, demonstrar coragem, ser leal, ser ativo e perseverante, ter espírito de camaradagem, entre outros. Somente a partir do terceiro Estatuto dos Militares (1969) surge uma lista de valores

militares igual a do quarto estatuto publicado em 1971 e do quinto e atual estatuto de 1980.

Outro regulamento, agora interno, somente do Exército, é o Vade-Mécum de cerimonial militar do Exército, de 23 de abril de 2002 (VM-10). Dele extrai-se:

As Instituições Militares possuem referenciais fixos, fundamentos imutáveis e universais. São os valores militares. As manifestações essenciais dos valores militares são: patriotismo, civismo, amor à profissão, fé na missão do Exército, espírito de corpo e aprimoramento técnico-profissional. Esses valores influenciam, de forma consciente ou inconsciente, o comportamento e, em particular, a conduta pessoal de cada integrante da Instituição. (VM-10, capítulo 2).

Neste mesmo Vade-Mécum consta a lista dos deveres militares. É entre os deveres militares que achamos a Disciplina, a Hierarquia e a Lealdade tão citadas pelos militares como se fossem valores militares, porém não é o que está previsto nos regulamentos militares.

Os deveres militares emanam de um conjunto de vínculos morais e jurídicos que ligam o militar à Pátria e à Instituição. São deveres militares: dedicação e fidelidade à Pátria; respeito aos símbolos nacionais; probidade e lealdade; disciplina e respeito à hierarquia; rigoroso cumprimento dos deveres e ordens; trato do subordinado com dignidade. (VM 10, cap 3)

O regulamento militar mais atual que trata dos valores militares é o Manual de Campanha C 20-10 - Liderança Militar, de 24 de agosto de 2011. Este manual é assinado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército e largamente utilizado nas escolas militares do Exército durante o processo de socialização dos novos oficiais e praças.

Valores - Dentre os diversos valores estabelecidos pela Ética Militar, os quais também se encontram previstos no Estatuto dos Militares, destacam-se, a seguir, os considerados mais importantes para o líder militar. Valores básicos: honra, honestidade, verdade, justiça, respeito, lealdade e integridade.

Valores militares: patriotismo, civismo, idealismo, espírito de corpo, disciplina e interesse pelo aprimoramento técnico-profissional.

Aqui vemos a disciplina e o idealismo como sendo valores militares, diferentemente do que consta do estatuto dos militares e do vade-mécum citados anteriormente. No caso do idealismo, consta no texto do manual a explicação de

que resulta da fusão de dois vetores que são valores militares – a fé na missão do Exército e o amor à profissão.

Outro conjunto de valores militares pode ser encontrado na Brigada de Operações Especiais, em Goiânia/GO, que é uma organização de elite do Exército integrada por militares rigorosamente selecionados, altamente capacitados e equipados. Lá estão dispostos nos refeitórios, quadros murais, nas alamedas internas e nos informativos eletrônicos ou impressos as seguintes imagens separadas ou em conjunto:



Figura 2: cartaz da Brigada de Operações Especiais do Exército.

Diante das diferentes definições dos valores militares encontradas nos próprios regulamentos militares e quartéis achei por bem estender a pesquisa bibliográfica para livros que expressassem a biografia de militares brasileiros famosos, a fim de levantar quais os valores citados nestes textos. Essa pesquisa buscou constatar a existência ou não de linearidade no culto dos valores militares.

4.1.

A identidade dos patronos

Neste item serão analisados textos escritos acerca da vida de militares reverenciados na caserna por seus feitos no desempenho da profissão das armas. Propositamente todos esses textos escolhidos foram publicados por editoras também militares, ou seja, os textos já passaram por um crivo editorial formado por uma banca de militares experientes. Essa escolha bibliográfica visa reduzir ao máximo a possibilidade de deixar de fora da análise algum fato que permitiria conhecermos os valores cultuados por essas personalidades, já que não estamos à procura de defeitos ou desvios, mas sim buscando aspectos positivos. Penso que tudo de positivo que se poderia reunir da vida dessas personalidades foi transcrito nesses livros. O risco calculado que se assume correr é o do exagero de termos mais valores descritos do que realmente cada personalidade realmente possuía, porém, no caso desta pesquisa, creio que esse erro pode ser considerado de menor importância. Vale frisar que essa análise visa esclarecer uma das questões postas para a dissertação que é descrita nos seguintes termos: “No referencial teórico militar existe alguma sinalização de que o conceito de identidade ou a construção da identidade dos oficiais possa sofrer variações?”

Da análise dos textos selecionados perseguirei o desafio de evidenciar se na biografia de militares considerados genuínos e exemplares existem sinais de diferenças de identidades e a existência ainda de valores, militares ou não, exteriorizados por eles que sejam diversos dos preconizados nos referenciais teóricos militares. Para isso, serão analisadas inicialmente as identidades dos patronos reverenciados no Exército Brasileiro, partindo-se do princípio que estes patronos foram escolhidos pelo alto comando do Exército como profissionais-modelo, líderes no passado e para serem seguidos pelos militares de hoje. A lista dos patronos reverenciados no Exército Brasileiro está publicada no decreto do

governo federal número 51.429 de 13 de março de 1962, assinado por João Goulart, Presidente da República na época:

CONSIDERANDO:

- que a educação moral e cívica do soldado impõe a veneração dos vultos militares do passado;
- que atendendo a essa imposição, o Exército, suas Armas, Serviços e o Magistério Militar, já escolheram e vêm cultuando seus respectivos Patronos, todos êles figuras dignas de maior reverência;
- a necessidade de homologar a escolha de alguns dêstes patronos:
- a conveniência de que o ato oficial que faça tal homologação, também consolide o disposto em legislação anterior sôbre o assunto,

Resolve:

a) instituir e homologar as escolhas já consagradas dos

Patronos:

- do Exército Brasileiro o Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias;
- da Arma de Infantaria, o general Antonio de Sampaio;
- da Arma de Cavalaria, o Marechal Manoel Luiz Osório, Marques de Herval;
- da arma de Artilharia, o Marechal Emílio Luiz Mallet, Barão de Itapevi;
- da Arma de Engenharia, o Coronel João Carlos de Vilagran Cabrita;
- do Serviço de Saúde, o General João Severino da Fonseca;
- do Serviço de Veterinária, o Tenente-Coronel João Muniz Barreto de Aragão
- do Serviço de Intendência, o Marechal Carlos Machado Bitencourt;
- do Serviço de Assistência Religiosa, o Capitão Capelão Padre Antonio Alvares da Silva (frei Orlando);
- do Magistério Militar, o General Roberto Trompowsky Leitão de Almeida.

b) para as comemorações respectivas ficam estabelecidas as datas de nascimento de cada Patrono.

Brasília, 13 de março de 1962; 141º de Independência e 74º da República.

JOÃO GOULART

Tancredo Neves

João de Segados Vianna

4.1.1. Caxias – Patrono do Exército

Olyntho Luna Freire do Pillar foi médico e farmacêutico militar por trinta anos, de tenente a general. Ele é o autor desta obra que uso como base para a análise da vida de Caxias como a seguir é descrita.

O maior de todos os vultos do Exército Brasileiro e escolhido como patrono da instituição foi Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. A grafia de seu nome com acento agudo e “s” é a adotada pelo Exército Brasileiro e pelos autores que escrevem sobre ele, diferindo da grafia que consta do decreto de 1962. Nascido em 25 de agosto de 1803 no Rio de Janeiro, era descendente de militares de alta patente. O bisavô foi Sargento-mor de infantaria, o avô paterno fora Marechal-de-Campo, assim como seu pai. Os tios, mais de uma dezena, também foram militares.

A partir dos quinze anos de idade cursou a Real Academia Militar, formando-se alferes em 1821 aos dezoito anos completados. Seu primeiro ato de bravura reconhecido ocorreu em 1823, nas lutas internas de consolidação da independência do país quando ainda era tenente e foi combater tropas baianas insurgentes. Por seus atos de coragem e heroísmo, ao lançar-se numa investida contra uma casa-forte guarnecida por portugueses, recebeu a insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Essa distinção era para Luís Alves o título que mais prezava, por representar que era um veterano da independência do país. Pode-se perceber nessa declaração o primeiro dos valores militares evidenciados em Caxias, o patriotismo⁴¹.

Diversas foram as oportunidades em que Luís Alves atuou na pacificação do país. Como major combateu insurretos no Rio de Janeiro, como tenente-coronel combateu na revolução dos Farrapos, como coronel pacificou o Maranhão e recebeu do Imperador Pedro I o título de Barão de Caxias em referência à vila maranhense de maior expressão na época de onde Luís Alves expediu a última intimação aos sediciosos para que depusessem as armas. Pela pacificação do

⁴¹ Patriotismo - Amar a Pátria e defender a sua soberania, integridade territorial, unidade nacional e paz social. Cumprir, com vontade inabalável o dever militar, o solene juramento de fidelidade à Pátria até com o "sacrifício da própria vida". Ter um ideal no coração: "servir à Pátria". (Vade-Mécum 10)

Maranhão foi promovido ao posto de Brigadeiro em 1941 e nomeado Comandante das Armas da Corte. Com menos de quarenta anos de idade foi promovido a marechal de campo, após ter pacificado Minas Gerais e no mesmo ano foi mandado pelo Imperador Pedro II para debelar a revolução sul-rio-grandense, a luta farroupilha. Essa sequência de missões vitoriosas evidencia sua capacidade profissional, sua dedicação integral ao serviço, o perfeito entendimento da missão Exército de garantia dos poderes constituídos, da lei e da ordem. Essas características revelam que Caxias possuía os valores militares de fé na missão do Exército⁴² e amor à profissão⁴³.

Ainda sobre a pacificação de Minas Gerais, convém ressaltar duas passagens históricas que revelam faces do caráter de Luís Alves, o respeito aos subordinados e oponentes, a prática da ética militar e a liderança que tinha sobre seus subordinados.

Não há quem se não recorde da grandeza de alma com que tratou os dez chefes aprisionados no feroz combate de Santa Luzia, sem arrogância, com urbanidade e nobreza, dizendo-lhes: “Meus senhores, isso são conseqüências do movimento, mas podem contar comigo para quanto estiver ao meu alcance, exceto para soltá-los.” E o próprio Teófilo Otoni, um desses prisioneiros, diria mais tarde, referindo-se ao vencedor: “Recebeu-nos com suma urbanidade e ordenou que fôssemos conservados na mesma casa em que fomos encontrados.” A vida e a dignidade humanas, sobretudo a dos vencidos, mereceram constante respeito por parte do Barão de Caxias. [...] Aqueles chefes foram mandados para Ouro Preto, por ordem de Caxias. Este, ao chegar em Sabará, soube que os prisioneiros haviam daí saído, marchando a pé e algemados. Esse rigor contrariou profundamente o ilustre General que despachou imediatamente o Capitão Bento José Leite de Faria, com ofício ao comandante da escolta, dizendo ao referido capitão: “Neste ofício ordeno ao Tenente-Coronel Marinho que tire as algemas aos presos e os entregue à guarda, e, se por ventura fizer alguma objeção, prenda-o incontinentemente à minha ordem, e conduza você os presos a seu destino, procurando todos os meios de tratá-los bem, significando-lhes ao mesmo tempo que muito me incomodou o procedimento do dito Tenente-Coronel Marinho, e que permito vão montados; sinto não lhes proporcionar a necessária cavalgada, por não tê-la à minha disposição”. O Capitão Leite Faria encontrou os presos efetivamente a pé e algemados e, em vista disso, transmitiu a ordem de Caxias que o Tenente-Coronel Marinho cumpriu imediatamente. (Pillar, p. 34 e 35)

⁴² Fé na missão do Exército - Amar o Exército. Ter fé na sua nobre missão de defender a Pátria, garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem; cooperar com o desenvolvimento nacional e a defesa civil; e participar de operações internacionais. (Vade- Mécum 10)

⁴³ Amor à profissão - "Vibrar" com as "coisas" do Exército Brasileiro. Exteriorizar esse valor, permanentemente, pelo entusiasmo, motivação profissional, dedicação integral ao serviço, trabalho por prazer, irretocável apresentação individual, consciência profissional, espírito de sacrifício, gosto pelo trabalho bem-feito, prática consciente dos deveres e da ética militares e pela satisfação do dever cumprido. (Vade- Mécum 10)

Ao assumir a missão de debelar a luta farroupilha, chegando a Porto Alegre, aparelhou suas tropas e fez um apelo aos sentimentos patrióticos dos insurretos através de um manifesto eloquente:

“Lembraí-vos que a poucos passos de vós está o inimigo de todos nós – o inimigo de nossa raça e de tradição. Não pode tardar que nos meçamos com soldados de Rosas e Oribe; guardemos para então as nossas espadas e o nosso sangue. Abracemo-nos e unamo-nos para marcharmos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é nossa mãe comum”. (Pillar, p. 35)

Pela pacificação do Rio Grande do Sul, Luís Alves foi elevado, em 1845, a comenda de Conde. Deixando o Sul, retornou ao Rio de Janeiro para reassumir o comando das armas da corte. Quatro anos mais tarde fez o caminho oposto para assumir o cargo de Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul e Comandante-Chefe do Exército do Sul. Era a preparação necessária para a guerra contra o ditador argentino João Manuel Rosas que pretendia incorporar à Argentina o Uruguai e o Paraguai. Caxias comandou as tropas brasileiras junto com os aliados uruguaios e paraguaios e foi mais uma vez vencedor. Por este mérito foi promovido em 1852 ao posto de tenente-general e recebeu a comenda de Marquês. Com sua saúde debilitada por problemas hepáticos, seguiu recomendações médicas e partiu para a cidade mineira de Baependi para se restabelecer. Em 1861 assume a função de Ministro da Guerra e reformula o Exército com ações decisivas. Sob sua gestão o serviço militar passa a ser obrigatório, excluindo das fileiras os estrangeiros; coibiu os castigos físicos aplicados comumente aos soldados; e um novo Código Penal Militar foi elaborado. Em 1862 é promovido ao posto de Marechal-de-Exército. No ano de 1866 assumiu o cargo de Comandante-Chefe das forças do Império contra o Paraguai do ditador Solano Lopez. Na travessia do arroio Itororó, foi morto o General Gurjão e o marechal Argolo ficou gravemente ferido. Nesse instante, a história guarda uma das célebres falas de Caxias que Olyntho Pillar destaca: “*Sigam-me os que forem brasileiros*”. (Pillar, p. 46)

Pelos relevantes serviços prestados na Guerra do Paraguai, o Imperador Pedro II concedeu a Caxias o título de Duque em 1869. No Brasil somente três duques existiram e Caxias foi o único duque brasileiro que não pertencia à família real.

Pillar destaca algumas das características da personalidade de Caxias que nos ajudam a compreender sua identidade:

As sumas dignidades a que atingiu e os elevados postos da hierarquia militar a que ascendeu não lhe alteraram a formação magnífica de homem probo, sereno, bravo, bondoso, altivo, justo, crente, patriota, educado, esposo e pai amantíssimo, como filho fora dedicado e respeitador. (Pillar, p. 50)

Aos 76 anos de idade, na Fazenda Santa Mônica, próxima à Vassouras no interior do Estado do Rio de Janeiro, Caxias dá seu último suspiro. No dia seguinte seu corpo é levado até a capital onde foi sepultado vestindo o mais simples dos uniformes de Marechal-de-Exército e apenas duas medalhas no peito. Não foi embalsamado, nem recebeu honras militares. Deixou claro que desejava enterro sem pompa. Apenas seis soldados dos mais antigos e de bom comportamento deveriam conduzi-lo até o túmulo no Catumbi e serem recompensados com trinta cruzeiros per capita. Tudo por ele determinado anos antes. Os poucos bens que possuía deixou para as duas filhas, alguns objetos para parentes e certa quantia em dinheiro para um criado.

Outro autor, agora civil, que escreveu sobre Caxias foi Paulo Matos Peixoto em livro lançado em 1973. O autor escreve no capítulo intitulado “retrato” o seguinte:

Não há razão para se preferir apresentar Luís Alves como um gênio. Mais racional é vê-lo como o cidadão e o militar servido por equilíbrio e bom-senso, pelo sentido do dever, pela capacidade profissional, pela dedicação à ordem, à lei, ao Império, pela desambição e – sendo, em dado momento, o homem mais forte e mais respeitado do Império, o herói aclamado, o pacificador venerado – pela humildade de seu comportamento. (Peixoto, p. 42)

Olyntho Pillar faz menção de um episódio durante a campanha contra Solano Lopez que dá sinais da atenção dada por Caxias à evolução da arte da guerra.

Foi Caxias quem, pela primeira vez, utilizou, na América do Sul, a aerostação⁴⁴ nas operações militares, o que vem comprovar o elevado descortino desse chefe inigualável do Continente Colombiano. Não fora essa iniciativa audaz, não teria sido possível a prossecução da campanha na região do Chaco Paraguai de reconhecidas dificuldades topográficas. (Pillar, p. 45)

A prática da aerostação utilizada na época de Caxias foi a de um engenho que possibilitava a observação do terreno de cima para baixo. Balões eram presos por cordas e enchidos com gás para suportarem cestos que conduziam os militares observadores. O que hoje parece simples de se fazer, na verdade era extremamente difícil de se operacionalizar naquela época. O Império autorizou a contratação de um aeronauta francês que não obteve o êxito esperado. James Allen, aeronauta norte-americano, substituiu o francês e foi elogiado por Caxias ao conseguir elevar os observadores brasileiros a 700 pés (213 metros) por cerca de 20 a 50 minutos cada período de observação, dando aos chefes militares o conhecimento acerca do posicionamento das tropas inimigas, representando enorme vantagem estratégica aos brasileiros. Essa passagem histórica é uma das duas únicas encontradas na obra de Olyntho Pillar que evidenciam em Caxias o valor militar do aprimoramento técnico-profissional⁴⁵. A outra citação é acerca do uso das técnicas de manobra de tropas que Caxias empreendeu durante a campanha no Paraguai, conforme dito pelo General Tasso Fragosso:

“O comando de Caxias foi, sem dúvida, o mais brilhante de toda a guerra da Tríplice aliança. Abarcou um período de 26 meses (de 18 de novembro de 1866 a 18 de janeiro de 1869). Ocorreu nele não só uma interessante guerra de posição em torno de Humaitá, nunca vista na América do Sul, como uma instrutiva e difícil guerra de movimento, cujo desenlace foi a vitória de Lomas Valentinas”. (Pillar, p. 47)

Affonso de E. Taunay, filho do Visconde de Taunay que atuou na guerra do Paraguai como secretário do Estado-maior do Conde d’Eu, transcreveu o diário que seu pai redigiu ao fim daquele combate. Segundo o Visconde, o próprio

⁴⁴ Aerostação - é a ciência que trata da navegação aérea em aparelhos mais leves que o ar (aeróstatos).

⁴⁵ Aprimoramento técnico-profissional - Um Exército moderno, operacional e eficiente exige de seus integrantes, cada vez mais, uma elevada capacitação profissional. O militar, por iniciativa própria ou cumprindo programas institucionais, deve buscar seu continuado aprimoramento técnico-profissional. Por mais que evoluam a arte da guerra, a tecnologia das armas e a sofisticação dos equipamentos, a eficácia de um Exército dependerá, cada vez mais, de seus recursos humanos. Soldados adestrados, motivados e bem liderados continuarão sendo o fator decisivo para a vitória. ((Vade- Mécum 10)

Conde d'Eu escolheu Luís Alves para fazer parte de seu estado-maior e proferiu os seguintes comentários acerca dele:

Durante todo o tempo a que me referi [22 de março de 1869 a 17 de abril de 1870], desempenhou sempre os encargos que lhe foram confiados. Considero-o um oficial não só muito inteligente e muito cumpridor dos seus deveres como ainda com habilitações literárias e científicas bastante excepcionais. (Taunay, p.10)

Edmundo Campos Coelho reconhece a liderança de Caxias como carismática. Naqueles momentos finais do Império e nascimento da República, quando existia no país uma vontade política de ver o desmantelamento do Exército, quando tropas da corte foram deslocadas para guarnições longínquas enquanto se via o fortalecimento da Guarda Nacional na corte, tudo isso fazendo parte da Questão Militar, Deodoro escreve a Cotegipe “*se ainda vivesse Caxias, fatos de tal natureza certamente não se dariam*”. (Coelho, p. 49) A liderança carismática de Caxias estava alicerçada na crença de que ele possuía uma força extraordinária não compatível com a racionalidade, mas transcendia a expressão da vontade dos liderados.

E Caxias era, dentro do Exército, um líder carismático aureolado daquele heroísmo que, segundo Weber, transferiu-se dos senhores da guerra – os reis – para a realeza. Basta ler sua biografia, observar a carreira militar excepcional, rever as crônicas da campanha contra o Paraguai ou anotar os repetidos sucessos militares no período em que as sublevações nas províncias, durante as Regências, configuram um crônico estado de guerra interna. A imagem que prevalece é a do guerreiro imbatível, do chefe militar que arrebatava o espírito das tropas, do soldado modelo, paradigma dos ideais, valores e virtudes militares tradicionais. (Coelho, p. 50)

4.1.2. Sampaio – Patrono da Infantaria

Paulo de Queiroz Duarte foi oficial de infantaria de tenente a general e o primeiro instrutor chefe do curso de infantaria da AMAN. Dos seus escritos e também dos de Pillar tomo base para a análise da vida de Sampaio como a seguir.

Nasceu no dia 24 de maio de 1810 na cidade de Tamboril, Ceará. Era de origem humilde e desprovido de instrução. Como os demais jovens de sua terra era dado ao jogo e valentias. Foi um trovador de esquina com o violão que sabia tocar. Tinha temperamento audacioso e brigão, sempre se envolvendo em confusões e rixas com outros rapazes. Era mais temido que simpático e tinha

vontade de ser cangaceiro. A todos superava nas lutas corporais que se envolvia constantemente.

No decurso de sua adolescência, como produto acabado do meio, não teria Sampaio como fugir à regra, tornando-se consumado boêmio, apaixonado pelo violão, constante namorado, assíduo frequentador de todas as festas que realizavam na redondeza, sempre pronto para uma luta corporal
 [...] O futuro general foi, quando moço, no seu Tamboril, um elemento perdido em meio a uma população estragada; fazia parte de uma família que se dissolvia no desprestígio do empobrecimento e na desmoralização do crime.
 [...] Jogador e espadachim, vagando pelas mal policiadas povoações dos arredores de tamboril, em estreito contato com gente da pior espécie, Sampaio tornou-se um rapaz perigoso, tal como cada homem de per si se constituía naquelas terras bravias. (Duarte, p. 25 e 26)

Honestidade não era o forte de Antônio. Duarte⁴⁶ conta que mais de uma vez o jovem enganou o próprio pai quando da venda de garrotes. Ele fingia que ferrava os animais com a marca do pai, mas apenas fazia os bichos berrarem e os soltava no pasto embolsando o dinheiro. Aconteceu isso até que o pai, desconfiado, passou a acompanhar a ferragem dos animais.

Em 1830, com 20 anos de idade, enamorou-se de uma jovem. Como não teve a permissão dos pais, resolveu raptá-la. O pai da moça conseguiu encontrá-los e seguiu em perseguição de Antônio que teve que abandonar sua terra partindo para Fortaleza, para o Exército, deixando para trás a namorada grávida. Duarte cita outros historiadores que contam que Sampaio teria feito mal a três moças, sendo que duas engravidaram.

Pillar conta que o alistamento do jovem ocorreu por pura necessidade, já que não demonstrava vocação. Naquela época “as forças armadas eram o corretivo imposto aos desajustados sociais.” (Pillar, p. 62)

Do passado sem préstimos que ficara para trás, nada poderia invocar que merecesse aprovação, a não ser a intrepidez desinibida, o apreço inato em afrontar o perigo, qualidades que ser-lhe-iam o esteio do sucesso na nobre profissão que acabava de encetar. (Duarte, p. 30)

Com dois anos de serviço militar apenas, Sampaio teve seu batismo de fogo. Durante seis horas de luta, como sargento furriel, comandou seu grupamento com determinação e se empenhou na luta corpo-a-corpo contra numerosos

⁴⁶ Duarte, Paulo de Queiroz (1988). *Sampaio*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.

adversários durante um combate na vila de Icó, Ceará, nas revoltas do período regencial. “Portara-se com inaudita bravura, animando seus homens e dando aos mesmos o exemplo de sangue frio e iniciativa no fragor da luta.” (Duarte, p. 49) com isso, Sampaio passou a gozar de certo prestígio junto a seu comandante, o major Francisco Xavier Torres.

No ano seguinte, o major Torres rebelou-se contra o presidente da província levando parte de seus subordinados e Sampaio estava entre eles.

O furriel Antônio de Sampaio, envolvido juntamente com seus companheiros, ainda não totalmente cômico da disciplina militar prestante, aderira ao movimento por puro espírito de solidariedade ao seu antigo comandante, primeiro chefe que o conduzira ao combate; contudo não se deixou prender de imediato, tratou de ganhar o seu sertão, metendo o pé na estrada. [...] Praça ainda em começo de carreira, soube o furriel Sampaio, com muita dignidade, aceitar a culpa, sem atirá-la à cabeça de seus superiores. (Duarte, p. 64 e 65)

Com cinco anos de serviço militar Sampaio já tivera mais duas promoções, alcançando a graduação de Primeiro Sargento. Duarte cita Nertan Macedo que escrevera que facínoras combatidos pelo grupo de Sampaio no sertão cearense foram até Tamboril e atacaram seu pai e toda sua família. Esse ataque provavelmente foi em represália à ação decidida de Sampaio, na luta de morte para exterminá-los.

O período em que Sampaio serviu o Exército foi marcado por constantes revoltas e instabilidade política o que certamente favoreceu suas rápidas promoções fruto de suas habilidades e destreza em combates no Ceará, Pará e Maranhão.

Consciente de seu valor, pronto para todas as missões difíceis, Sampaio não se olvidava, todavia, de cobrar de seus superiores, de quem dependia diretamente, o reconhecimento de suas atuações. Disso ele fazia ponto básico. Mais tarde, já conhecido sobejamente, dirigiria petições ao próprio Imperador pedindo graças de que se julgava merecedor. Isto foi traço marcante de sua personalidade. Parece que tinha pressa em galgar todos os postos a que a profissão lhe dava direito, calçado nos feitos, invulgares, nos campos de ação, onde era exemplo vivo para seus subordinados, que muito o estimavam. (Duarte, p. 120)

Diante do exposto até o momento fica clara a constatação de que Sampaio possuía o valor militar de Patriotismo e parcialmente o valor militar de fé na missão do Exército, pois serviu na maior parte de sua vida profissional

defendendo o Império, mas feriu leis, fugiu, insubordinou-se e rebelou-se contra autoridades constituídas. O valor militar de amor à profissão ficou também parcialmente evidenciado, já que lhe faltou, em alguns momentos da carreira, a correção de atitudes. A cobrança frequente por promoções entra em choque com o espírito de humildade da “satisfação do dever cumprido” que compõe o amor à profissão de quem não espera nada em troca. Já em outro valor militar que é o aprimoramento técnico-profissional a citação abaixo evidencia a ausência desse valor no caráter profissional de Sampaio:

Aprendera a guerrear em um sem-número de combates, sem ter lido nos livros ou manuais da arte, pois nunca seus fundilhos burniram os bancos da academia militar. Sua “ciência” emanava da assimilação dos princípios táticos de sua Infantaria no taboleiro dos campos de ação, em correrias desenfreadas, por sobre atoleiros suspeitos, na transposição de rios a nado, galgando elevações ou varando matas intrincadas em uma luta de vida ou de morte contra um inimigo de mau bofe. (Duarte, p. 140)

Ao mesmo tempo os relatos acima evidenciam em alto grau o valor militar de espírito de corpo que Sampaio possuía como líder de frações que o veneravam.

Podemos crer que sua pouca escolaridade também dificultou seu aprimoramento técnico-profissional. Percebe-se que de soldado a brigadeiro, dos 20 aos 56 anos de idade, sua prática profissional foi marcada por sua coragem, destreza e capacidade física. Não há relatos nas obras de Duarte ou Pillar de que tivesse habilidades em manobras ou estratégia. Também não se tem relatos de Civismo na vida de Sampaio.

Como guerreiro que era, mesmo já sendo Brigadeiro, Sampaio morreu pelas complicações de três ferimentos de bala da sua última batalha, enquanto estava na frente de combate junto com seus soldados, durante a Guerra do Paraguai.

4.1.3. Osório – Patrono da Cavalaria

João Batista Magalhães foi oficial de artilharia de tenente a coronel e membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Dos seus escritos publicados pela Biblioteca do Exército tomo base para a análise da vida de Osório como faço a seguir.

Manuel Luís Osório era gaúcho da antiga Vila de Santo Antônio, que hoje é o município de Osório. Nasceu em 10 de maio de 1808 e ingressou no Exército em 1823, com apenas 15 anos, levado por seu pai para servir no regimento que comandava. “Não vai o menino satisfeito, mas obediente.” (Magalhães, p. 32) Osório não era voluntário, antes desejava dedicar-se aos estudos. Um ano e meio depois do seu ingresso no Exército, foi declarado alferes e seguiu para outro regimento longe de seu pai. Em 1824 desejou ir para a corte estudar matemática e ciências militares, mas a Guerra Cisplatina declarada impede qualquer possibilidade de movimentação de pessoal da fronteira para outra parte.

Em 1831, com seis anos de experiência militar e já no posto de tenente, Osório descumpra a lei ao atravessar a fronteira do Brasil invadindo a Cisplatina (hoje Uruguai) para perseguir vândalos que haviam saqueado brasileiros. Ao alcançar os bandidos, dizima-os, inclusive as mulheres que portavam armas. Por esse feito irregular foi preso por um ano.

A seguir irrompe a Guerra dos Farrapos em 1835. Osório adere à revolução, contrariando a vontade seu pai e é nomeado comandante de regimento por Bento Manuel, um dos líderes revolucionários.

O velho pai escreve-lhe: “Estou me aprontando para marchar”... “Se tu és dos revolucionários que”... “tramam a separação da província podes contar em mim um inimigo mais com quem brigar: adeus.” (Magalhães, p. 51)

Osório responde o pai dizendo-se republicano de coração e que entendia que seguindo Bento Manuel e Bento Gonçalves estava respeitando o juramento que fizera quando assentou praça.

Em maio de 1837 seguiu para Porto Alegre designado para comandar um esquadrão de cavalaria diretamente subordinado ao presidente da província. Nessa função teve oportunidade de evidenciar sua capacidade militar e sua retidão de caráter. Aos subordinados inspira simpatia e confiança. “É fácil de se fazer estimar.” (Magalhães, p. 55)

Educado e criado nas labutas da guerra, mau possuidor de uma instrução escolástica rudimentar, que mal ascende ao que hoje chamamos primária, a precisão dos conceitos, a medida justa das conveniências que ele aí ostenta surpreende-nos. A não serem os conselhos dos homens experientes como seu pai, e de alguns chefes a que servira, a não serem os regulamentos militares da época, demasiado imperfeitos, incompletos e nem sempre suficientemente claros, onde teria Osório aprendido a arte da guerra de que essa instrução revela admirável assimilação do que ela tem de fundamental, senão em sua própria meditação das experiências que viveu? (Magalhães, p. 56)

Em 1837 é promovido a capitão, após ser tenente por onze anos. A promoção a major ocorreu em maio de 1841, por indicação do então presidente da Província de Pelotas onde servia. “Merece ser major de 1ª Linha e a condecoração do Cruzeiro. É oficial muito bravo, muito leal e subordinado, dá muitas esperanças e tem instrução.” (Magalhães, p. 67) Sua promoção a tenente-coronel ocorreu por pedido do próprio Caxias que lhe disse: “Major, tenho admirado a sua conduta. O corpo de seu comando é modelar. O governo deve-lhe uma promoção. Previno-o de que vou pedi-la ao Ministro da Guerra.” (Magalhães, p. 68) Por indicação de Caxias também ocorreram as promoções a coronel e ao generalato, como brigadeiro. Sendo participante de inúmeras batalhas, foi a de Tuiuti em 1866 que o sagrou como herói nacional. São dele as palavras escritas na ordem do dia ao término da batalha: “*A glória é a mais preciosa recompensa dos bravos.*” (Pillar, p. 97)

Na batalha do Avaí, em 1867, Osório foi gravemente ferido no rosto, tendo seu maxilar fraturado por um projétil paraguaio. Essa fratura mal curada debilitou sua fala até o fim da vida.

Por todas as participações em combate que teve, muitas foram as medalhas, os títulos, condecorações e elogios que recebeu, porém não se acha muito nos livros de Magalhães e Pillar citações diferentes das anteriores acerca do caráter ou dos valores de Osório. Somente no final do texto de Pillar, quando das palavras citadas pelo herói na véspera de seu falecimento aos setenta e um anos de idade, destaca-se uma clara citação de patriotismo quando dava seu derradeiro conselho à família: “... *quem escreve deve fazê-lo pela Pátria.*” Osório ainda manda que os seus agradeçam “*aos médicos, aos homens de letras, à imprensa...o bom tratamento que lhe deram...*” Seus últimos vocábulos balbuciados foram “*Tranquilo...Independente... Pátria... Sacrifício... Último infelizmente...*”

Magalhães relata que, já com setenta anos, Osório ainda guardava o mesmo sentimento que expressara aos quinze anos de idade: que não era soldado de coração. Até seus momentos finais continuou trabalhando na política como senador. Por suas ações houve o aperfeiçoando do armamento da cavalaria, regulamentou de modo prático as matrículas na Escola Militar, estimulou a produção de obras militares por militares, entre outros feitos em benefício do Exército.

Percebe-se da leitura acerca da vida profissional de Osório que, como ocorreu com Sampaio, foi principalmente a coragem e a destreza, seu espírito guerreiro, que o fez trilhar com sucesso a carreira militar. Convém dizer que em Osório não havia vocação para a carreira das armas. Ele mesmo o disse. Não se encontram nos escritos de Magalhães ou Pillar citações de valores militares como civismo ou aprimoramento técnico-profissional na vida profissional de Osório.

4.2. Patronos para o Exército – uma nova tradição

Celso Castro⁴⁷ relata que o culto aos patronos, essa nova tradição, só passou a existir no Exército Brasileiro em 1923 pelo estímulo dos oficiais da missão francesa. Naquele mesmo ano o ministro do Exército, general Setembrino de Carvalho, instituiu o “dia do soldado” tomando a data de nascimento de Caxias, 25 de agosto, como referência.

“...a exemplo do que se pratica com Osório e Barroso, determinava que se homenageasse Caxias. A partir daquela data, aniversário de Caxias, deveria realizar-se, a cada ano, em caráter permanente, uma “Festa de Caxias”, com formatura de tropas do Exército em frente à sua estátua...” (Castro, 2002, p. 17)

É interessante constatar que o culto a Caxias só começou vários anos depois do culto a Osório. Durante quatro décadas, até 1925, Osório era celebrado como herói principal vinculado a mais importante data militar brasileira, a da Batalha do Tuiuti, a maior batalha da Guerra do Paraguai. Osório era considerado modelo de soldado-cidadão. Osório e Caxias foram monumentalizados em estátuas de bronze em 1894 e 1899, respectivamente. A principal medalha do

⁴⁷ Castro, Celso. *A invenção do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2002

Exército, durante o início do século passado, foi instituída pelo presidente da República Campos Sales em 1901 e era entregue anualmente em frente à estátua de Osório, no dia da batalha de Tuiuti, 24 de maio. Atualmente, a maior honraria concedida pelo Exército é a medalha do Pacificador, uma referência à Caxias, o patrono. Hoje em dia, a data do seu nascimento, 25 de agosto, é comemorada como o dia do soldado.

Conclusão

A pesquisa bibliográfica realizada nos manuais, regulamentos, estatutos e estamentos militares desvelou variações na definição dos valores militares. A pesquisa das biografias de militares ilustres também evidenciou não haver linearidade de culto aos valores previstos nos estamentos militares, ao contrário, foram encontrados traços de identidades muito diferentes entre si, sem que essas diferenças fossem impeditivas para suas escolhas como militares dignos de serem destacados como exemplo a seguir pelos militares de hoje.

Os traços desiguais de identidade dos patronos reverenciados pelo Exército entram em dissonância com o texto do *vade-mécum* 10 que define: “As Instituições Militares possuem referenciais fixos, fundamentos imutáveis e universais. São os valores militares.”

No próximo capítulo analisaremos o que pensam os militares de hoje. A opinião colhida entre mais de seiscentos oficiais de carreira do Exército evidenciará um pouco mais do caráter dos militares e os valores que são cultuados na atualidade, enfim sua identidade.